B. O INQUÉRITO ARQUEOLÓGICO II: As escavações

1. O Castelo Velho de Alcoutim

1.1. Localização e enquadramento espacial

O Castelo Velho de Alcoutim situa-se aproximadamente a 1 km para norte da vila de Alcoutim, distrito de Faro, e implanta-se num cabeço com 96 m de altura (Est. I). Localiza-se na Carta Militar Portuguesa 1:25000, folha nº 575 (ed. de 1978), com as seguintes coordenadas UTM: X- 6.35.2 e Y-41.49.5.

O acesso faz-se a partir de um caminho de terra batida, que passa junto da Pousada da Juventude, em Alcoutim, e bifurca próximo do barranco que separa o Cerro da Mina do cabeço onde está o castelo; segue-se pelo caminho que sobe a encosta, até uma pequena plataforma e, a partir daí, existe um estreito trilho, aberto no mato, que dá acesso ao recinto fortificado.

Estaria associado a um antigo cais (de Santa Bárbara), na margem do Guadiana, um pouco para sudeste do castelo, que serviu, até ao século passado, para o escoamento do minério extraído do Cerro da Mina e a uma área de fundição situada em pequena elevação junto do Guadiana. Aquando da construção da Pousada da Juventude e, principalmente, na área da piscina da Estalagem de Alcoutim, as máquinas trouxeram à superfície grandes quantidades de escórias e restos de materiais de construção, de prováveis fornos, que não foram objecto de estudo arqueológico prévio.

A localização do castelo, sobranceiro ao Guadiana e, ao mesmo tempo, alcantilado sobre a crista mais elevada do cabeço, é estratégica de forma a dominar o rio e um amplo espaço para o interior montanhoso. Os cerros próximos apresentam, por vezes, maiores altitudes que, não obstruindo a visão a partir do castelo, dificultam a sua observação do exterior, excepto se estivermos junto do rio, perto de Alcoutim ou de S. Lucar del Guadiana.

Justificar-se-á a sua implantação neste local devido à proximidade do rio, importante via fluvial desde a Antiguidade, e à riqueza mineira da região (Est. CXLI), de onde se extraíam, no século passado, cobre, antimónio e manganés. A cerca de 2 Km para noroeste, encontram-se as minas de Cortes Pereiras (também com extracção de prata no século XIX), algumas delas exploradas desde o período romano. A menos de 1 Km, também para noroeste, existem as minas do Cerro do Brejo, com um povoado muçulmano associado. No cabeço a sul do castelo, no Cerro da Mina, efectuaram-se extracções até ao século passado, o mesmo acontecendo na área da Lourinhã, para norte, e no Cerro do Padre António, para sudoeste.

A exploração dos recursos alimentares da população devia ser, quase exclusivamente, de subsistência. Registaram-se espinhas e escamas de peixe, que comprovam a pesca, principalmente de rio, seguramente mais rico em espécies do que actualmente. No interior de algumas panelas e na área das lareiras, recolheram-se ossos que confirmam o consumo de pequenos animais (coelhos e aves de caça ou de capoeira), de ovinos, de caprinos e de bovinos. A agricultura devia restringir-se ao cultivo das pequenas hortas, próximo do Guadiana, sobretudo na zona do Vale da Lourinhã. Ainda no século passado, Silva Lopes se referia a este vale do seguinte modo: "As várzeas são férteis e abundantes de várias e deliciosas frutas, vinhas, oliveiras e boas terras de pão chamadas da Lourinhã" (LOPES, 1841: 396).

O abastecimento de água fazia-se através de armazenamento na cisterna. Mas existia também uma mina de água, a Fonte da Texugueira (onde, segundo a lenda, era frequente ouvir-se uma moura encantada). Esta fonte situa-se a meio da encosta de um pequeno cabeço, próximo do castelo, sobre um barranco que fica a uma distância de cerca de 10 minutos a pé. Hoje, porque o cabeço foi todo surribado, já não existe caminho de acesso à fonte.

Mais do que as capacidades agrícolas da zona, hoje relativamente pobre, a riqueza mineira terá justificado, seguramente, a humanização deste território, conforme pode observar-se nos mapas de localização dos sítios arqueológicos, identificados numa mancha com cerca de 8 Km^2, onde são assinaladas cistas da Idade do Bronze (Est. CXXXIX), um possível povoado (Idade do Bronze ou Ferro?), com restos de muralhas, e locais com ocupação romana e muçulmana (Est. CXL).

1.2. As primeiras referências e o estado de conservação

Desconhecem-se documentos medievais que se refiram a este castelo e não se sabe o nome muçulmano que tinha, como aliás acontece para a maioria dos castelos rurais desse período. No entanto, é possível que o nome de Alcoutim tenha origem no Castelo Velho e, após a Reconquista, quando D. Dinis concedeu o primeiro foral, em 1304, o mesmo topónimo se haja mantido para nomear a vila recém-criada pelo monarca. Do primeiro foral apenas conheço uma referência na Chancelaria de D. Dinis, onde pode ler-se o seguinte: "... Dou e outorgo a vós concelho e pobradores da minha obra d'Alcoutim assi aos presentes como aos que an de viir o fforo e os husus e os costumes d'Évora (...). e que sejam escusados d'oste e de ffossado." (CHANC., livro 3, fol. 29v, 30-30v).

As ruínas do Castelo Velho aparecem, pela primeira vez, documentadas nos inícios do século XVI, no *Livro das Fortalezas Portuguesas* de Duarte d'Armas.

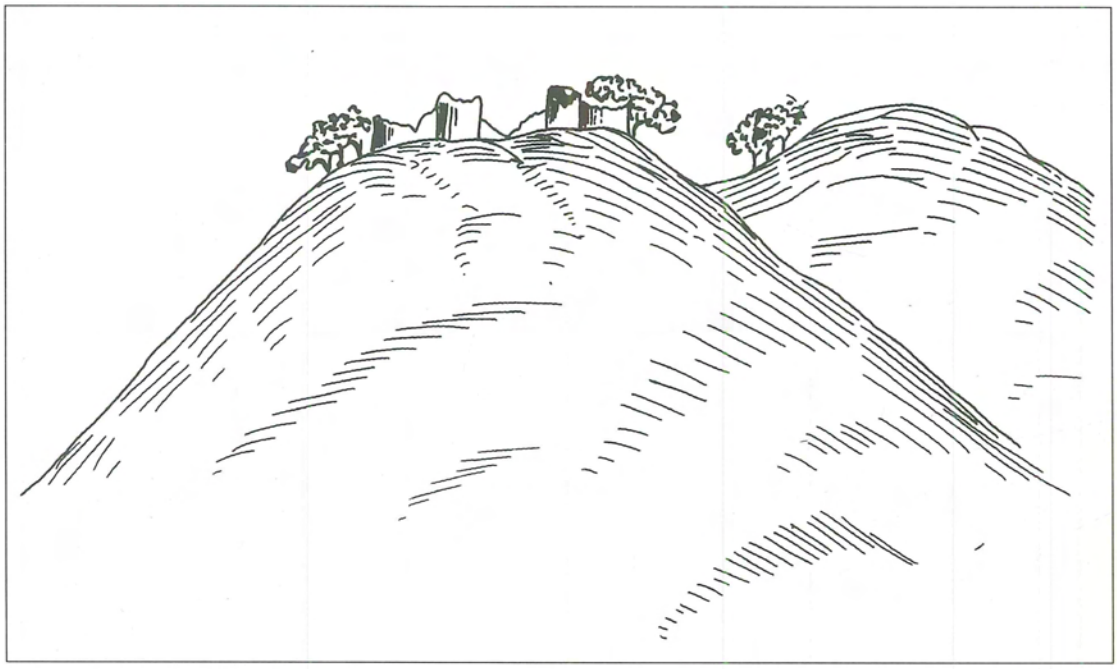

Fig. 11 - Pormenor das ruínas do Castelo Velho de Alcoutim, no século XVI, a partir do desenho de Duarte d' Armas.

Podem observar-se, no desenho, os restos de uma construção defensiva com torres, no topo de um cabeço, localizado para norte da fortaleza da vila (Fig. 11 e Est. II).

Henrique Fernandes Sarrão (*circa* 1600), na descrição sobre as cidades, vilas e lugares do Reino do Algarve, refere-se a Alcoutim do seguinte modo: "A vila d'Alcoutim está à borda do rio Guadiana, da parte do ocidente; seis léguas da vila de Castro Marim. É de duzentos vizinhos e a derradeira do reino do Algarve de ocidente a oriente, e nela acaba a nossa descrição pela ordem que no discurso dela seguimos. Tem um castelo antigo em um alto serro, que ficou do tempo dos Mouros, já em muitas partes desbaratado" (GUERREIRO *et al.*, 1983: cap. XVII). Tanto Pinho Leal, em *Portugal Antigo e Moderno*, como Cardoso, no *Diccionário Geographico*, se referem também aos vestígios de uma fortificação de grande antiguidade. Em Mesquita de Figueiredo (1895: 157), pode ler-se: "Para a parte do Norte, en hum serro alto, se achão alicerces de fortalezas muito antigas; e também hum pequeno castelo, que segundo mostrão os alicerces de pouca força que hoje se acha extincto". Das fortalezas muito antigas, de que este autor dava conhecimento, não consegui descobrir qualquer vestígio e seriam, provavelmente, algumas das baterias que, nos séculos XVII e XVIII, rodeavam a vila; o pequeno castelo é, sem dúvida, o Castelo Velho de Alcoutim.

Quando, em 1980, visitei pela primeira vez o local, no âmbito do projecto da equipa CAALG, as prospecções tornaram-se difíceis de efectuar, devido à altura dos arbustos, estevas, muitos zambujeiros e à enorme quantidade de pedras, resultantes dos derrubes do castelo. Poucos vestígios se encontravam à superfície: apenas afloravam sobre o terreno alguns alinhamentos de muralhas e de quatro torres no topo do cabeço.

Nas prospecções então efectuadas pelas encostas recolheram-se, unicamente, fragmentos de telhas decoradas com impressões digitais e raros fragmentos de cerâmica grosseira o que, à partida, nos podia indicar uma boa conservação do sítio, embora os vestígios se pudessem encontrar a grande profundidade sob espessas camadas de derrubes.

De facto, durante a escavação veio a verificar-se que, em algumas zonas no interior do recinto fortificado central, as camadas de abandono, seladas por derrubes de telhados, estavam a mais de 1 m de profundidade sob os entulhos de grandes pedras resultantes da degradação das muralhas e dos muros das estruturas habitacionais.

Se, para sul e sudoeste, o cabeço é demasiado íngreme e cortado por barrancos profundos, nas encostas menos abruptas evidenciavam-se alguns taludes em socalco e algumas fiadas de muros que indicavam a hipótese de aí terem existido estruturas habitacionais ou uma segunda linha de muralhas. Foi, precisamente, nestas encostas que se recolheram fragmentos de cerâmica, resultantes de escorrimentos no terreno, que nos forneceram a indicação de este sítio fortificado ter uma cronologia muçulmana.

No estado actual dos trabalhos arqueológicos, ainda não é possível ter acesso ao interior do recinto fortificado por nenhuma das portas identificadas durante as escavações. Situam-se em zonas cujo exterior se encontra por escavar e está cheio de mato e arbustos. Por isso, e à falta da identificação do caminho original, para se chegar ao topo do castelo tem que se passar pelas muralhas, numa zona em que estas se encontram mais derrubadas.

1.3. Estratégia e objectivos da escavação

Quando, em Setembro de 1985, se programaram os inícios de escavação, optou-se por uma limpeza superficial do terreno, no topo do cabeço onde se visualizavam alinhamentos de muros. Implantou-se, depois, uma quadrícula orientada a 338 grados, aproximadamente perpendicular ao alinhamento de muralhas voltadas para o Barranco do Cerro da Mina.

Marcou-se, inicialmente, um rectângulo com 8 m de largura por 20 m de comprimento onde se implantaram dez quadrados de 4x4 m de lado, com respectivas *banquettes* de 1 m, assinalados por coordenadas alfa-numéricas.

A partir do método de escavação em quadrícula preconizado por Wheeler (1954), optou-se por fazer uma adaptação a partir do texto de Alain Ferdière (1980: 23-60), pelo que se marcaram *banquettes*, situadas no ângulo do quadrado topográfico, mas com quadrados de 4x4 m, dos quais se escavava um espaço de 3x3 m de lado, em vez da malha habitual de 5x5 m de lado (*ibid*: 40-41).

Aproveitando o terreno limpo de mato, marcaram-se os seguintes quadrados: K5/K6, L5/L6, M5/M6, N5/N6 e P5/P6. Optou-se por anular a quadrícula com a designação alfabética O, por esta se poder confundir com a numérica 0. Mas devido às condicionantes técnico/financeiras, só foi possível na primeira campanha escavar três dos quadrados marcados.

Porque o terreno se encontrava bastante revolvido, devido a violações antigas, e apareciam alinhamentos de muros à superfície, começou por escavar-se a área correspondente aos quadrados N6 e P6, que viriam a identificar-se com o espaço da cisterna (Est. CLXXX. 1 e 2). A inexistência de materiais arqueológicos e as características dos entulhos, resultantes dos derrubes das paredes e da abóbada, obrigaram a dividir a equipa de escavação em dois grupos e a alterar o método inicialmente previsto.

Assim, optou-se por abrir a escavação do quadrado mais afastado desta zona (quadrado K5), o qual viria a corresponder a parte do compartimento A, e desmontaram-se os testemunhos, impossíveis de manter devido ao tipo de terreno xistoso com grandes blocos de grauvaque.

A partir da segunda campanha de escavações, limpou-se o que restava do mato que cobria o cabeço, manteve-se o mesmo tipo de quadrícula, mas sem *banquettes*, e a escavação evoluiu a partir dos quadrados que ocupavam parte das muralhas voltadas a poente e a norte (quadrados J3/J4 e J5).

O método de escavação também se alterou, aproximando-se mais da técnica de área aberta. Passaram a escavar-se vários quadrados sequenciais, até se limitarem as estruturas que eram logo desenhadas num primeiro plano. Em seguida, escavavam-se os derrubes até ao aparecimento do nível de telhas, definiam-se os interiores de compartimentos habitacionais e voltava-se a desenhar um novo plano.

A partir do desenho das estruturas e da camada de abandono (nível 3), optou-se por assinalar na planta o espólio recolhido no interior dos compartimentos habitacionais, visto que se encontrava em conexão sobre o solo (Est. V). Elaboraram-se inventários gerais (ficha-mãe), e fichas individuais, com o mesmo número, cartografando-se na planta os principais recipientes de cerâmica e

artefactos de metal, de modo a reconstituir o espaço interior de cada habitação. Este método, já utilizado, por exemplo, nas escavações de Brucato (Sicília), permite fornecer informações sobre os diversos tipos de funcionalidade das cerâmicas e das habitações (MACCARI-POISSON, 1980: 167-174).

Seguindo a estratégia de escavar vários quadrados em simultâneo, os perfis estratigráficos foram desenhados pontualmente, sempre que a potência de terras o justificava. Quando começaram a surgir camadas arqueológicas mais antigas, com restos de estruturas que estavam sob os muros da última fase de ocupação, desenharam-se os perfis estratigráficos do interior de alguns dos compartimentos habitacionais (Est. VIII).

A estratégia e os objectivos a atingir nas campanhas seguintes incidiram na identificação do perímetro da muralha central, com a limpeza do mato que ainda cobria parte das muralhas. Deixaram-se apenas três oliveiras no topo do recinto fortificado.

Além disso, era necessário verificar se havia uma segunda cintura de muralhas a meio da encosta, envolvendo o recinto central. Por isso, desmataram-se duas zonas, uma na encosta norte, outra na encosta este, vindo a identificar-se uma segunda linha de muralhas e duas torres quadrangulares (Est. III).

Assim, durante as oito campanhas de escavações, efectuou-se o seguinte trabalho: no interior do recinto fortificado central (sondagem 1), desmatou-se o terreno e limparam-se as ervas e arbustos (Est. CLXXVIII. 1.). Depois, decapou-se o nível 0, composto de terra vegetal e varreu-se toda a área desmatada. Em seguida, marcou-se a quadrícula geral até às muralhas sul e este, só visíveis a partir da 3ª e 4ª campanhas.

Quadriculado o terreno, decaparam-se os primeiros centímetros do nível 1, até ao aparecimento dos topos de muros de estruturas internas e da muralha (Est. CLXXVIII. 2.), pelo que se identificou o seguinte:

1. Na sequência dos quadrados N6 e P6 (escavados na primeira campanha e correspondentes à zona da cisterna), escavou-se em área até se atingirem os topos de muros de estruturas habitacionais, os panos de muralhas e as portas de acesso ao interior do castelo.

2. A partir destes, seguiu-se para a série dos quadrados P4/P5/P6 e Q4/Q5/Q6, correspondentes a estruturas habitacionais e a duas ruas (assinaladas por B e por C). Definiram-se, igualmente, os topos de um pano de muralha e toda a área da porta voltada para o rio Guadiana (porta E), na sequência dos quadrados R4/R5/R6 e S4/S5/S6.

3. No seguimento dos quadrados P2/P3/P4, correspondentes aos compartimentos habitacionais G e M, e a parte de uma das ruas, seguem-se os quadrados

Q2/Q3/Q4, nos quais se identificaram parte dos compartimentos P, R e S, assim como o pátio Q. No prolongamento destes, os quadrados R2/R3/R4 e S2/S3/S4 atingem a muralha voltada a nascente.

Na encosta este, em direcção ao rio Guadiana, também se desmataram algumas zonas para facilitar o trabalho de levantamento topográfico, a cargo do topógrafo Pedro Martins, durante a campanha 6, de 1991.

A partir desse ano, perspectivaram-se três principais objectivos a atingir:

1. No prolongamento dos quadrados P3/P2 escavavam-se os quadrados Q4/Q3 e Q2, no interior dos compartimentos habitacionais da última fase de ocupação, de modo a poderem visualizar-se melhor as fases de ocupação mais antigas, as quais já se haviam começado a vislumbrar em quadrados anteriores, em zonas onde a rocha se encontra a maior profundidade.

2. Na zona sudeste, depois de limpos os topos das muralhas, visualizava-se já na campanha de 1991 uma sequência de corredores e compartimentos que nos colocavam na hipótese da existência de uma nova porta do castelo, virada para o rio Guadiana. Um dos objectivos da campanha de 1992 foi precisamente desentulhar esta zona de modo a defini-la.

3. Na zona exterior ao recinto fortificado central, na encosta nordeste e em direcção ao rio, nas limpezas da campanha de 1991, havia-se descoberto uma nova cintura de muralhas com torres maciças de planta quadrangular. Um dos objectivos de 1992 e 1993 foi, também, escavar nesta zona (sondagem 2), próximo de uma das torres e no canto interno da segunda linha de muralha.

A estratégia seguida em 1992 e 1993 foi, ainda, de limpezas gerais de superfície nas zonas que não chegaram a ser escavadas, de modo a conseguir-se uma planta global do interior do recinto fortificado.

No final das oito campanhas estavam escavados, apenas em parte, os quadrados previamente definidos. Continuam por escavar algumas zonas que foram deixadas intactas, para serem escavadas numa próxima fase dos trabalhos de campo que prevêem um projecto integral de recuperação do castelo.

Por outro lado, os quadrados que abrangem o grande compartimento T, possivelmente uma torre oca interna, foram deixados também intactos, assim como os quadrados que correspondem aos compartimentos U, V e X, situados no canto sudoeste do castelo (quadrados J5/6 e 7; K6/7 e L6/7).

Tratando-se das últimas campanhas desta fase (1993 e 1994), e prevendo-se a elaboração de um projecto de protecção e valorização deste arqueossítio, a estratégia seguida foi a seguinte:

1. limpezas gerais da área já escavada, trabalho que deve fazer-se regular-

mente todos os anos até entrar em funcionamento o projecto de valorização;

2. escavação dos níveis mais antigos em zonas pontuais que ainda não tinham sido escavadas em campanhas anteriores.

Na zona do povoado externo à fortificação central, procedeu-se à limpeza e desenho do perfil.

Os objectivos a atingir foram os seguintes:

1. rever as plantas elaboradas;

2. obter uma melhor percepção dos níveis antigos e das cronologias a eles associadas;

3. definir uma diacronia das diferentes fases de construção desta fortificação omíada.

4. estabelecer uma relação de diacronia e sincronia entre os vestígios identificados no interior e no exterior do recinto fortificado central.

A estratégia da escavação no interior do recinto fortificado previa uma escavação integral do espaço. Contudo, a falta de meios financeiros obstou à concretização dos objectivos iniciais, pelo que se deixaram ainda por escavar alguns compartimentos habitacionais.

Assim, tanto o desentulho total da cisterna como alguns quadrados só poderão vir a ser escavados logo que se reiniciem os trabalhos de campo previstos num projecto de recuperação e valorização do castelo, solicitado pelo IPPAR. O programa de recuperação prevê o seguinte:

1. elaborar um folheto desdobrável, explicativo da história do castelo;

2. proceder à sua classificação como imóvel de interesse público ou imóvel de valor concelhio (processo que já está em curso);

3. obter do proprietário um acordo com a autarquia de Alcoutim, para possível cedência ou venda dos terrenos (diligência já em fase de concretização);

4. efectuar uma limpeza geral do cabeço e encostas, desmatando, cortando os arbustos e a maior parte das árvores selvagens;

5. construir uma protecção com vedação de toda a área dos vestígios arqueológicos;

6. retomar as escavações no exterior, nas encostas norte e este, e terminar as do interior do recinto fortificado central;

7. melhorar os acessos e alargar o caminho numa zona propícia para estacionamento;

8. reparar e consolidar as muralhas e estruturas habitacionais, assim como

nivelar o solo, protegendo-o com gravilha ou outro material;

9. elaborar placas de sinalização e de percursos, assim como painéis explicativos do local;

10. instalar um pequeno núcleo museológico na vila de Alcoutim, onde possa expôr-se parte do espólio recolhido durante as escavações. Algumas peças serão, no entanto, depositadas nos acervos do Museu Nacional de Arqueologia.

De facto, a localização estratégica do Castelo Velho de Alcoutim, dominando o rio Guadiana e a zona montanhosa da Serra (Est. CLXXVII), fazem deste castelo um sítio de relevante enquadramento paisagístico que convém valorizar. A sua proximidade da vila, onde já se recuperou e valorizou a fortaleza tardo-medieval, torna este arqueossítio um local propício do ponto de vista do turismo cultural previsto para o Nordeste Algarvio. A boa conservação das muralhas e das estruturas habitacionais assim como a qualidade do espólio exumado permitem uma fácil concretização dos objectivos finais da escavação, com a elaboração de um programa museológico local.

1.4. Os resultados: sondagem 1

A sondagem 1 corresponde à escavação na área interior do recinto fortificado principal, localizado no topo do cabeço. Foi aí que se efectuou a maior parte da escavação; que se identificaram as principais estruturas amuralhadas, com as respectivas torres e portas, e as de habitação, onde se incluem três ruas, dois pátios e uma cisterna.

Para maior facilidade de leitura e compreensão dos resultados obtidos nesta sondagem, optou-se por distinguir, por um lado, as estruturas da fortificação e respectivas torres e, por outro, separar em dois blocos as estruturas habitacionais. Assim, a interpretação destas é feita em separado, começando pela análise dos edifícios da última fase de ocupação do castelo e, em seguida, das estruturas mais antigas identificadas sob os muros dos compartimentos inicialmente definidos.

Seguem-se os resultados das leituras estratigráficas, primeiro no geral e, depois, pontualizando as verificadas em alguns dos compartimentos habitacionais; os tipos de materiais de construção utilizados e, finalmente, o espólio recolhido.

1.4.1. As estruturas defensivas

O Castelo Velho de Alcoutim é uma estrutura fortificada com construção de pedra seca, composta de blocos de xisto e grauvaque sobrepostos, com terra e

pequenas lascas de pedra talisca a preencher e a calçar os espaços intermédios e centrais.

Daquilo que hoje se torna visível, após as oito campanhas de escavações, conclui-se que este sítio correspondia a um pequeno *hisn* muçulmano com povoação associada. As estruturas defensivas dividem-se em dois tipos: um recinto fortificado central na parte mais elevada do cabeço e uma, ou mais, linhas de muralhas que circundam as encostas (Est. III).

O recinto fortificado superior (Est. III. A) ocupa um espaço rectangular aproximadamente com 32 m de comprimento por 22 m de largura, numa área interna com cerca de 704 m^2. As muralhas, relativamente bem conservadas, têm uma espessura média de 1,80 m a 2 m de lado e, em algumas zonas, entre 1,5 m a 2 m de altura.

Nas faces externas, são visíveis buracos, para escoamento de águas e/ou de esgotos, associados a edifícios internos que possuíam canalizações e que podem identificar-se como zonas com latrinas. Esses orifícios, com passagem obstruída pelas derrocadas das muralhas, são relativamente estreitos, o maior com 50 cm de largura, e encontram-se nas muralhas norte, este e sul.

O pano de muralha voltado para o Guadiana parece ter sido reforçado, provavelmente aquando da construção do grande torreão que protege a porta (Est. III. A. nº 1). De facto, enquanto que no geral as muralhas raramente chegam aos 2 m de espessura, verifica-se, no lado este, um tramo com 1,80 m de espessura, em 6,70 m de comprimento, seguido de um mais largo, com 4,20 m, em 6,20 m de comprimento. Faz um canto em ângulo recto para o interior da fortaleza, na zona do compartimento T, e é-lhe adossado, no exterior, o torreão que defende a porta que dá para o rio.

Até ao momento, identificaram-se várias torres maciças, de planta rectangular e quadrangular irregular, adossadas às paredes externas das muralhas. No lado da muralha voltado a Poente encontra-se uma única torre rectangular (Est. III. A. nº 4), com 4,70 m por 3 m de lado, localizada sensivelmente a meio.

A Norte, existem duas torres mais pequenas: uma, próximo da porta norte (Est. III. A. nº 3), em frente do compartimento E, tem 2,20 m por 2,40 m de lado; a outra (Est. III. A. nº 2), a uma distância de 10,30 m da primeira, localiza-se praticamente em frente dos compartimentos G e M, tem 2,60 m por 2,40 m de lado.

Também na muralha voltada para o Barranco do Cerro da Mina, a sul, se encontram os restos de outras duas (Est. III. A. nº 5 e nº 6), muito destruídas devido ao carácter abrupto da encosta.

A partir do exterior, na encosta sudeste, os quadrados T4 e T5 correspondem à muralha, na área de entrada, e a um enorme torreão maciço (torre 1), edificado numa fase posterior à construção inicial da muralha, possivelmente durante reconstruções do século XI. Está um pouco afastado da muralha, cerca de 3 a 5 cm, notando-se, na fenda de separação, que a face externa do castelo estava rebocada e alisada com uma argamassa de cal (Est. CLXXXI. 1.), particularidade que faz pensar que a muralha estava caiada de branco. Ao limpar o espaço entre o torreão e a muralha, recolheu-se um fragmento de taça decorada a verde e manganês com características califais.

A torre apresenta uma planta sensivelmente em L. No lado externo tem um comprimento de 5,30 m e uma largura de 3,80 m. No lado sul, onde se inicia o percurso em direcção à porta de entrada voltada para o rio Guadiana, tem um topo com 2,95 m. A partir daí, faz um ângulo interno com um lado de 2,30 m e outro, que o liga à muralha, com cerca de 0,82 m.

As encostas estão, igualmente, protegidas por muralhas (Est. III. B e C). Delas apenas se consegue ter uma pequena percepção, visto que os trabalhos arqueológicos se centraram na fortificação central. Contudo, nas zonas desmatadas e na área correspondente à sondagem 2 podemos observar o seguinte:

1. A fortaleza principal estaria rodeada por uma segunda linha de muralhas (Est. III. B). Ao longo da encosta do Barranco do Cerro da Mina, vislumbram-se vestígios com mais de 30 m de comprimento, até junto de uma enorme oliveira. Nesta zona parece que a muralha faz um ângulo e se subdivide: enquanto que um tramo mais largo (Est. III. B. nº 1), segue a inclinação da encosta voltada para o Guadiana; outro, muito destruído, continua em direcção a norte, até a um torreão de ângulo (Est. III. B. nº 2), descoberto na sondagem 2.

O primeiro parece corresponder a um torreão rectangular, muito irregular devido ao desnível do terreno, tem aproximadamente 6,80 m de comprimento por cerca de 3 m de largura. Embora esteja interrompido, pode estar relacionado com outra cintura amuralhada (Est. III. C), com orientação sul/norte e este/oeste, que conserva alguns alinhamentos mas se encontra muito destruída.

2. No ângulo noroeste da segunda linha de muralha (zona próxima da sondagem 2) identificou-se uma torre, adossada ao ângulo externo (Est. III. B. nº 2), que tem uma planta quadrangular com 3,13 m por 3,15 m de lado.

3. Ao longo da encosta norte, a segunda cintura de muralha terá mais de 60 m de comprimento, em direcção a oeste, onde faz ângulo para sul. Sensivelmente a meio, existem os restos de outra torre (Est. III. B. nº 3), de planta rectangular, com 3,07 m por 4 m de lado. A muralha segue, em parte, soterrada por derrubes e arbustos, mas volta a ser visível num tramo que faz ângulo no sentido sul,

vindo provavelmente a fechar junto da fortaleza central, numa zona escarpada em que se aproveitou o afloramento rochoso.

4. As muralhas desta segunda linha defensiva limitam um espaço relativamente pequeno, raramente ultrapassando os 25 m de distância até à fortificação superior. Encontram-se muito destruídas e, aparentemente, com várias interrupções. Trata-se de muralhas mais estreitas do que as da fortificação central: de um modo geral, entre 1,30 m até 1,50 m de espessura. No canto nordeste, localizaram-se algumas estruturas habitacionais (sondagem 2).

5. No exterior da segunda linha defensiva aparecem, entre as árvores, alguns vestígios que denunciam a existência de um terceiro amuralhado (Est. III. C), que se estende por toda a encosta norte e parte da voltada para o rio Guadiana. Contudo, só na segunda fase dos trabalhos de campo se poderá chegar a uma melhor compreensão sobre o tipo de ocupação (muralhas e habitações) de todo este espaço que se estende até ao vale do Guadiana.

1.4.2. As portas

No interior do recinto fortificado principal foram identificadas duas portas. A primeira, mais simples e de entrada directa, está voltada a norte, enquanto que a segunda corresponde à entrada principal, e localiza-se num canto da muralha a sudeste e está voltada para o rio Guadiana.

A porta norte (porta N)

Esta porta (Est. IV) foi descoberta a partir da segunda campanha de escavações e ocupa os quadrados K3 e K4. Trata-se de uma entrada simples aberta na muralha norte (Est. CLXXXIV. 2.) e encontra-se protegida por uma única torre maciça adossada à muralha, situada a cerca de 2,50 m para nascente.

O quadrado K3 é ocupado quase na totalidade pela muralha e pelo vão da porta que se prolonga num corredor para o quadrado K4. No primeiro quadrado verificava-se um grande desnível, com mais de 1 m, entre o exterior do recinto fortificado e a entrada aberta na muralha. As características do terreno nesta zona levam a pensar que por aqui passaria um fosso longitudinal à muralha, para onde se abrem, inclusivamente, alguns buracos de esgotos de canalizações existentes no interior. Contudo, porque ainda não se escavou o exterior do castelo, só em trabalhos futuros se poderá confirmar esta hipótese.

Pelas características da porta, estreita e sobrelevada, pode considerar-se como uma porta de "traição" ou postigo escondido das encostas voltadas para o rio,

protegido pela torre, e cujo acesso se faria a partir de uma porta levadiça.

O vão tem apenas 1 m de largura e inicia-se num patamar com lajes de xisto e terra pisada, apresentando dois desníveis, aproximadamente com 10 a 15 cm de diferença, que podem corresponder aos restos de dois degraus ou à zona de encaixe da porta, se partirmos do princípio que ela era levadiça.

A partir destes degraus segue-se por um corredor estreito, com cerca de 90 cm de largura e aproximadamente 4,60 m de comprimento. Este corredor, em rampa, situa-se entre os compartimentos B e E e termina na rua A, próximo dos vãos de porta dos compartimentos A, C e E, numa zona onde se notava ainda que o solo estaria pavimentado com lajes, destruídas pelas raízes de árvores.

A porta este (porta E)

O sector da porta voltada para o Guadiana (Est. CLXXXIV. 1.) corresponde à escavação dos quadrados P5/P6, Q5/Q6, R5/R6, S5/S6 e T5/T6 (Est. IV). Esta zona estava completamente entulhada e apresentava, à superfície, a maior concentração de mato com estevas e zambujeiros. Só depois de retirados o nível 0 e parte dos derrubes do nível 1, se começaram a identificar alguns topos de muros. A escavação destes quadrados tornou-se bastante penosa, visto que os entulhos, com enormes blocos de pedra, chegaram a atingir mais de 2 m de profundidade.

Porque ocupa vários quadrados, optou-se por uma limpeza de superfície até ao aparecimento dos topos das estruturas e por uma descrição conjunta de todo o sector. A partir do exterior das muralhas este e sul, surge a área interna de uma espécie de átrio formado pelo espaço entre um enorme torreão e a muralha, que, na sua ligação, apresentam a forma de um L. Corresponde a um pátio aberto, que antecede o vão da entrada no castelo. Trata-se de um espaço rectangular com 2,95 m por 3,90 m.

No quadrado S5 surge, bem definido, o local onde se encontrava a porta. A muralha passa a estar dividida em duas zonas: uma externa com sentido este / oeste, ao longo do barranco do Cerro da Mina; e outra, com a mesma orientação, que se dirige para o interior do recinto fortificado.

Entre os dois sectores da muralha, o espaço correspondente ao vão da entrada tem cerca de 1,50 m de largura e é definido por saliências das muralhas, com cerca de 20 cm de lado, onde assentariam os batentes da porta exterior.

A partir da entrada segue-se por um corredor, em rampa, com um comprimento máximo de 6,40 m até ao interior do recinto fortificado. Não se trata

de um corredor direito, mas sim de uma zona com ângulos a formar pequenos átrios.

No quadrado S5, a muralha exterior forma uma reentrância com 1,20 m por 1,60 m. Assim, a partir da entrada entra-se num espaço quadrangular com 1,70 m de lado. Abre-se para um pequeno átrio interno que ocupa os quadrados S5/S6 e R5/R6 e tem 2,40 m por 3,90 m de lado.

Foi, precisamente, neste átrio, associado a um minúsculo compartimento que tinha uma possível abertura (janela?) na muralha, por onde se visualiza todo o curso do Guadiana para sul, que se recolheu uma candeia, colocada num ressalto da muralha, e várias dezenas de pontas de lança (Est. V, LXII e LXIII), algumas ainda com restos de matéria orgânica no interior. Pelas características, este recanto poderia ter pertencido a um compartimento destinado à guarda da entrada no castelo.

A partir daqui, o corredor volta a reduzir-se numa rampa com 1,30 m de largura por 2,70 m de comprimento. Este corredor termina numa segunda abertura de porta, de 1,20 m de largura, que dá directamente para a rua C.

Nos quadrados R5/R6 e Q5/Q6 forma-se uma torre interna à muralha voltada para o barranco do Cerro da Mina. Trata-se de uma torre maciça de planta quadrangular irregular, com 2,70 m em dois lados, 2,50 m no lado voltado para o átrio e 2,90 m no lado adossado à muralha sul. É construída a partir de muros de 0,70 m de espessura, de blocos de xisto argamassados com argila; o interior foi preenchido por uma argamassa de argila pouco consistente, misturada com fragmentos de telhas e blocos de argamassa de cal hidráulica.

Já no castelo, no lado direito de quem entra, a muralha que acompanha a rampa de entrada tem 1,90 m de largura. Apresenta restos do que poderiam ter sido degraus de uma escada que dava acesso ao topo das muralhas e a um possível segundo piso do compartimento T (ainda não escavado).

Estratigraficamente, esta zona chega a atingir mais de 2 m de potência de entulhos, resultantes dos derrubes das muralhas. Retiradas as pedras e terra argilosa compactada correspondentes às camadas 0 e 1, o nível 2 (caracterizado por derrubes de telhados) está ausente. O nível 3 não apresenta um solo regular, mas em rampa, com muitas pedras e lajes de xisto. No solo, espalhadas pelo átrio interno (quadrados R5 e R6), recolheram-se alguns fragmentos de cerâmica sem conexão (apenas 1,85% do total das cerâmicas cartografadas no nível 3), várias dezenas de pontas de lança ou de besta de ferro e uma grande bola de pedra de possível catapulta. Num ressalto da muralha, no quadrado R5, estava uma candeia praticamente inteira (Est. XXXIX. 2).

Esta porta parece ter sido construída em duas fases. Na primeira, seria relativamente simples, aberta entre um ângulo interno formado pelas muralhas sul e este, com um corredor bastante largo. Numa segunda fase verifica-se o acrescento do torreão em L encostado à muralha oriental, de forma a que a entrada passasse a ser em cotovelo e pelo acrescento da pequena torre interna, colocada a meio do corredor, que separava o átrio interno do compartimento O, que pertencia a uma latrina.

1.4.3. A cisterna

A abertura da cisterna foi identificada durante a primeira campanha de escavações; mas a sua área integral, com sala anexa, só mais tarde veio a ser definida (Est. CLXXX). No conjunto, trata-se de um edifício rectangular encostado à muralha sul (Est. IV), com um comprimento de 10,20 m e com 3,60 m de largura. Não foi desentulhada completamente, porque seria necessário que a escavação fosse acompanhada de trabalhos de consolidação dos estuques que revestem as paredes, o que só será feito a partir do momento em que se reiniciem as escavações e o restauro e valorização do castelo.

O espaço abrangido por este edifício encontra-se junto da muralha voltada para o Barranco do Cerro da Mina (muralha sul) e ocupa parte dos quadrados M6/M7, N5/N6/N7 e P5/P6/P7. Pode dividir-se em duas zonas distintas: a cisterna propriamente dita, reservada ao armazenamento, e uma pequena sala anexa que dava acesso à água.

As paredes são de xisto e grauvaque, fortemente argamassadas com cal hidráulica, e têm uma espessura média de quase 1 m, excepto na parede que dá para o compartimento anexo, apenas com 80 cm de espessura.

Por razões económicas e de espaço, a cisterna é pequena e ocupa uma só nave, como, aliás, acontece na maior parte dos algibes hispano-muçulmanos mais antigos. É um edifício de planta rectangular, que mede no interior do reservatório da água aproximadamente 2,50 m de largura por 4,80 m de comprimento, numa área com cerca de 12 m^2.

De notar que vários dos algibes dos períodos emiral e califal apresentam características idênticas, com uma só nave e cobertura de abóbada de meio canhão. Neste tipo integram-se, por exemplo, o algibe do Conventual de Mérida, que tem apenas 7,50 m por 3,80 m de lado (PAVÓN MALDONADO, 1990:71). O mesmo acontece com a cisterna de El Jardín del Moro (Priego de Córdova), com 7,30 m por 2,30 m e 2,50 m de profundidade (CARMONA AVILA, 1987: 140).

Quanto ao de Mérida, várias vezes interpretado como construção romana,